

A escrita revolucionária de Maria Firmina dos Reis – a mina!

Priscila Lemos Lira*

Resumo:

Apresentamos alguns aspectos da trajetória singular de Maria Firmina dos Reis. Dialogamos sobre a importância da produção literária da autora e de sua representatividade junto às mulheres negras contemporâneas. Maranhense, a escritora revolucionou a literatura do século XIX. Em uma época em que a maior parte das mulheres não tinha acesso à escolarização, Firmina aprendeu a ler e a escrever, foi professora, fundou uma das primeiras turmas de ensino mista e gratuita, publicou poesias, contos e novelas em revistas literárias maranhenses. Seu romance *Úrsula*, publicado em 1859, revelou o pioneirismo da autora na crítica literária à escravidão, colocando personagens negros e negras como protagonistas da luta contra o regime escravista.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis; Intelectuais negras; Escravidão; Literatura; *Úrsula*.

The revolutionary writing of Maria Firmina dos Reis – the sis!

Abstract:

We present some aspects of the unique trajectory of Maria Firmina dos Reis. We intend to debate the importance of the author's literary production and its representativeness with contemporary black women. From Maranhão, the writer revolutionized the literature of the 19th century. At a time when most women did not have access to schooling, Firmina learned to read and write, she was a teacher, founded one of the first classes of mixed and free teaching, published poetry, short stories and novels in Maranhão literary magazines. Her novel *Úrsula*, published in 1859, revealed her pioneering spirit in literary criticism of slavery, placing black characters as protagonists in the fight against the slave regime.

Keywords: Maria Firmina dos Reis; Intellectual Black Women; Slavery; Literature; *Úrsula*.

* Doutoranda em Serviço Social pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora-MG, Brasil. End. eletrônico: pri.lira@estudante.ufjf.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2700-1911>.

Ela! Maria Firmina dos Reis

*Assim tens meus tristes cantos,
Soltos ao som dos meus prantos,
Que me inspiram teus encantos.*

A lua brasileira.

Maria Firmina dos Reis,

Cantos à beira-mar

Mesmo sem conhecer referências para se espelhar no meio literário, ainda em um contexto que os nossos nem mesmo eram considerados humanos, Maria Firmina dos Reis ousa ser pioneira em seus feitos, já que ainda hoje para nós, mulheres negras, publicarmos livros, escrevermos artigos em jornais, sermos professoras, estarmos à frente de instituições de ensino, permanece uma realidade muito difícil.

Na Ilha de São Luís, capital das terras maranhenses, em 11 de março de 1822 nasce uma menina negra: Maria Firmina dos Reis. Afrodescendente pelo lado materno, conforme pesquisas documentais sobre sua origem. Atualmente muitas pesquisadoras se debruçam a compreender sua trajetória ímpar. Consta em sua certidão de batismo que sua mãe se chamava Leonor Felippa dos Reis, identificada como uma ‘mulata’ que fora escravizada pelo Comendador Caetano José Teixeira. Inicialmente não foi encontrada sua origem paterna, mas estudos recentes (Adler, 2017; Schmidt, 2018; Zin, 2019) afirmam que a menina foi registrada como filha de João Pedro Esteves, um homem de posses, sócio daquele mesmo Comendador que escravizava a mãe de Maria Firmina. A informação sobre o registro de paternidade não consta na certidão de batismo, somente na certidão de óbito. A ausência de menções sobre seu pai levanta a hipótese de que a paternidade não foi exercida por este.

Em 1830, ainda na primeira infância, ficou órfã com o falecimento de sua mãe. Assim, juntamente com sua irmã, Amália Augusta dos Reis, e a prima, Balduína Amália dos Reis, foi morar na casa da avó materna, em uma localidade chamada São José de Guimarães, município de Viamão (MA), uma família de poucos recursos. Alguns anos antes teria vivido com uma tia de pequenas posses. Com melhores condições econômicas, a acolhida que recebera na casa desta foi fundamental para sua introdução no universo cultural das letras e da literatura, além do apoio recebido pelo familiar Francisco Sotero dos Reis, jornalista, escritor e gramático, que foi crucial na introdução de Maria Firmina no meio literário, referência que ela fez questão de mencionar em alguns de seus poemas.

A princípio não foi matriculada em instituições de ensino, porém, além do domínio da língua portuguesa, também acessou obras em francês, o que corrobora com a ideia de seu singular autodidatismo. Posteriormente, já residindo na casa da

avó materna com a irmã e prima, conviveu em um ambiente matriarcal de uma família extensa, que já fugia dos padrões de família patriarcal da época.

Em 1847, aos 25 anos de idade, foi aprovada em concurso público para a *Cadeira de Instrução Primária*, da Vila de Guimarães, sendo a primeira mulher professora aprovada para esse cargo efetivo no magistério na província maranhense. Uma conquista grandiosa por uma mulher negra, 41 anos antes da abolição da escravatura, filha de mãe ex-escravizada, para um cargo efetivo na área da educação, em um contexto em que a maior parte da população do país sequer era alfabetizada, as mulheres menos ainda, pois eram educadas para serem reprodutoras, obedientes e do lar.

No ato solene de sua nomeação, alguns familiares queriam que fosse receber o título de nomeação transportada em um *palanquim*¹, mas Maria Firmina rejeita essa possibilidade, retrucando: “Negro não é animal para se andar montado nele!” e fora a pé (Morais Filho, 1975, p. 45).

Daí em diante, dedica-se ao exercício do magistério. Seguindo bem atendida a movimentação cultural e literária local. Em 1880, aos 58 anos de idade, foi aprovada em primeiro lugar em História da Educação Brasileira, o equivalente ao título de Mestra Régia. Neste período, funda, no vilarejo de Maçaricó, em Guimarães (MA), a primeira escola de turma mista e gratuita (Silva, 2017), ensinando filhas e filhos de lavradores e dos proprietários de terras, uma empreitada ousada para a época. A ideia de equidade de gênero, do acesso igualitário de educação entre meninas e meninos na mesma sala de aula “escandalizou os círculos locais de Maçaricó [...] e, por isso a professora foi obrigada a suspendê-la depois de dois anos e meio” (Menezes, 1978, p. 570), mas demonstra o seu comprometimento com a educação, não se submetendo e muito menos se conformando com a ordem patriarcal e racista predominantes.

Firmina solicitou afastamento do exercício do magistério em 1881, mas ainda permaneceu dedicada à educação das crianças do vilarejo de Maçaricó, sendo que algumas dessas crianças, de origem muito pobre e desamparadas, foram acolhidas em sua casa e adotadas como seus ‘filhos de criação’, onze no total.

O fato de Maria Firmina não ter se casado, permanecendo solteira ao longo da vida, num contexto em que a liberdade da mulher estava atrelada à proteção de um homem-marido, além da condição de classe, pode ter contribuído para que sua produção tenha se restringido à sua região. Diferentemente de autores homens da época, que tinham acesso a viagens para a distante capital do país, Rio de Janeiro, e estudos de formação no exterior, que possibilitaram maior visibilidade no campo literário, como Gonçalves Dias, contemporâneo de Maria Firmina, popularizado e ‘patrono’ da 15ª cadeira da Academia Brasileira de Letras.

¹ Palanquim ou Palanquins: uma espécie de cadeira de madeira, utilizada como meio de transporte de pessoas, conduzido por animais ou escravizados no período colonial.

Distante da capital do Império, da efervescência cultural, política e social, o cotidiano dessa professora, era o oposto:

Toda manhã, [a professora] subia em um carro de bois para dirigir-se a um barracão de propriedade de um senhor de engenho, onde lecionava para as filhas do proprietário. Levava consigo alguns alunos, outros se juntavam. Um empreendimento ousado para época. Uma antiga aluna, em depoimento de 1978, consta que a mestra era energética, falava baixo, não aplicava castigos corporais nem ralhava, aconselhava. Era estimada pelos alunos e pela população da vila. Reservada, mas acessível, toda passeata dos moradores de Guimarães parava em sua porta. Davam vivas, e ela agradecia com um discurso improvisado (Telles, 1997, p. 411-412).

Nessa passagem de Norma Telles, é possível observar que a professora era uma pessoa reconhecida na comunidade pelo seu empenho com a educação, além de educadora, uma oradora em eventos especiais. Que sorte deles poderem tê-la ouvido e aprendido com a mestra, bem quista na comunidade, uma mulher negra que rompia as barreiras subjetivas histórico-sociais de sua época.

Sonho ou visão?

*Eu amo de ouvi-lo,
Pois desses suspiros
Se anima o meu ser.
Sonho ou visão?
Maria Firmina dos Reis,
Cantos à beira-mar*

Maria Firmina dos Reis, em 1859 em terras maranhenses, aos 37 anos de idade, publica seu primeiro romance, *Úrsula*, sendo o primeiro romance brasileiro publicado por uma mulher e também o primeiro romance brasileiro escrito por uma autora negra (Pinto-Bailey, 2018), com a mesma referência para países lusófonos.

A obra foi impressa (possivelmente com recursos próprios de Maria Firmina) pela Tipografia de Belarmino de Mattos, onde também foram produzidos livros de Sotero dos Reis, primo de Maria Firmina por parte materna, e os periódicos *O Progresso* e *Antologia Parnaso Maranhense*.

Contemporânea de publicação e de ideais como do abolicionista Luiz Gama, que em 1859 publica em São Paulo o livro de poemas *Primeiras trovas burlescas de Getulino* e, diferentemente de autores homens, Firmina não assina a autoria de sua obra. O sexismo do período irá levá-la a assinar o romance com o pseudônimo ‘uma maranhense’. Tal posicionamento, de certo, se dá ao fato do lugar secundarizado ou inexistente das mulheres em espaços de produção cultural, literária e política. Já no

prólogo de *Úrsula*, a forma como Maria Firmina se coloca e apresenta a obra deixa evidente esse contexto:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume.

Não é a vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo (Reis, 2018a, p. 93).

O texto, de feição ultrarromântica, inaugura em nossas letras a representação do negro em sua condição de escravizado, apresentando criticamente o regime escravagista e a sociedade patriarcal do século XIX, no último país ocidental a abolir a escravidão, sendo impossível desvencilharmos o enredo de *Úrsula* da real situação predominante neste período.

É evidente a condenação de toda a instituição do cativo e, juntamente com ela, a crítica à condição submissa da mulher. Vale ressaltar que Maria Firmina viveu em uma época em que a mulher era socialmente marginalizada. A escrita, a leitura e o raciocínio não eram consideradas como pertencentes ao mundo feminino, pois os homens a julgavam inferiores intelectualmente. No romance, a mulher e o escravizado são alçados à condição de pessoas vitimizadas deste sistema, situação vivida pela própria autora enquanto mulher, negra e pobre (Molina, 2018).

Diferentemente da literatura antiescravagista da época em que o escravizado era apresentado como objeto do enredo, sem voz, onde o branco falava por ele, Maria Firmina, apresentava o escravizado em sua dimensão humana e conferia ao negro o estatuto de sujeito do discurso, revelando, portanto, uma identificação e solidariedade com o escravizado negro.

Em *Úrsula*, o negro tem vida própria e explícita suas indagações sobre a miserável condição de subalternidade a que era submetido. Isto tudo “é demonstrado sob o ponto de vista interno do negro, do qual Maria Firmina usufruiu para pautar sua crítica e condenação à sociedade patriarcal, da qual ela é vítima tanto quanto os personagens de sua ficção” (Molina, 2018, s.p.).

Assim, ela se colocou “na contramão do discurso dominante do Romantismo, inaugurando ela, em meados do século dezenove, a narrativa afro-brasileira, ao fazer de sua ficção um veículo de intervenção política, estabelecendo um vínculo com a diáspora africana” (Pinto-Bailey, 2018, s.p.). O romance de Maria Firmina dos Reis intenciona construir uma consciência negra em um país profundamente racista.

Além disso, em seu romance inaugural, *Firmina* já expunha as duras condições do cativo, revelando ao mesmo tempo as contradições existentes entre a fé cristã, mantida e professada pela sociedade brasileira, e as crueldades do regime escravagista, com seus castigos, torturas e humilhações (Zin, 2019, p. 25).

De modo prático, nos auxilia a compreender que a sociedade brasileira padece do mau histórico do ‘cidadão de bem’, quando a autora já pontuava tais contradições.

Somente a partir da década de 1840 começa a surgir na literatura obras que colocam em evidência o tema da escravidão. Porém, com *Úrsula*, Maria Firmina insere a temática com uma abordagem diferente, se posicionando contrária ao modelo de sociedade escravista vigente. O ineditismo se apresenta quando os personagens negros, Túlio, Preta Susana e Antero, narram suas próprias histórias, destacando o modo de vida destes sob a perspectiva do escravizado, não do branco escravizador,

[...] sua narrativa aponta o caminho do romance romântico como atitude política de denúncia das injustiças enraizadas há séculos naquela sociedade, que fazia dos cativos e das mulheres as suas principais vítimas. (Zin, 2019, p. 58).

O romance narra o drama da jovem Úrsula e de sua debilitada mãe Luís B., de Tancredo, o jovem alvo de seu afeto, um estudante da Faculdade de Direito, do tio Comendador Fernando P., que sintetiza a figura que opera as ações de opressão. Estes últimos protagonizam a disputa pelo matrimônio com a jovem, uma narrativa de embate dramático entre o ‘bem e o mal’. “Soma-se à trama a tragédia dos escravizados Túlio, Suzana e Antero, que recebem no texto um tratamento diferenciado, marcado pelo ponto de vista interno e pautado por uma acentuada fidelidade à história até então oculta da diáspora africana no Brasil” (Zin, 2019, p. 58).

Maria Firmina começou a colaborar no jornal *A Imprensa*, em 1860, com o texto romântico *Poesia*. Novamente sua autoria é ocultada, assinando o texto como M.F.R. Participa, no ano seguinte, da antologia poética *Parnaso maranhense*, em parceria com Sotero dos Reis e outros autores da região. Contribui com a escrita de poemas nos jornais *Publicador Maranhense*, *A Verdadeira Marmota*, no jornal *O Jardim dos Maranhenses* e, além dos poemas, também começa a publicar o romance brasileiro, indianista, *Gupeva*, dividido em quatro capítulos. No ano seguinte segue com as publicações de poemas, enigmas, charadas e logogrifos nos jornais locais.

Gupeva foi republicado em 1863 no jornal *Porto Livre* e, em 1865 foi publicado novamente, dessa vez no jornal literário *Eco da Juventude*, além da produção de

poesias em jornais locais. *Gupeva*, com a temática indianista², aborda questões sobre o que hoje denominamos como a invasão colonizadora, quando a ocupação de um território em que os povos indígenas viviam e exerciam sua cultura livremente, a violenta ocupação dos Franceses também se dará por conflitos, estupro interracial e imposição cultural, em contraponto a uma narrativa romântica da ‘união das raças’ de modo pacífico, fundadora de uma suposta ‘identidade nacional’.

Em 1867, segue publicando poemas no jornal literário *Semanário Maranhense* e, no ano seguinte, também publica textos no *Almanaque de lembranças brasileiras*. O volume de poemas, *Cantos à beira-mar*, que engloba textos revisitados e outros inéditos, contando com 208 páginas e publicado em São Luís, em 1871, somente um século depois uma edição *fac-similada* foi editada pelo estado maranhense.

O conto *A escrava*, publicado em 1887, no número três da *Revista Maranhense*, merece destaque na produção firminiana. O texto apresenta a impressionante narrativa, com riqueza de detalhes, das violências e injustiças inerentes ao cativeiro. Os personagens, desta vez, compõem uma família negra, com mãe e filhos escravizados, destacando os impactos da escravidão na saúde mental dessa mulher, que é tida como louca, ‘doída, fingida’, diante de sua impotência, ao ter os filhos vendidos para nunca mais ter notícias dele. Joana protagoniza a cena e, à beira da morte, narra sua trajetória de vida no cativeiro. A narrativa apresenta uma perspectiva alinhada ao conceito que conhecemos na contemporaneidade como interseccionalidade³, já que a autora aborda a especificidade da experiência da mulher negra em uma sociedade escravagista. Para Fernanda Miranda (2019, p. 92) “*Úrsula* é um romance de fundação que dá luz à uma visada interseccional de entendimento do jogo de forças que conforma o social”.

Firmina inaugura, ainda, a abordagem do continente Africano de forma positivada, ainda que idealizada como terra de pessoas dignas de respeito, com histórias, famílias, cultura, crenças, conhecimentos, designando o colonizador europeu sequestrador, como o verdadeiro bárbaro. Narra os horrores do processo de escravização, desde o sequestro na terra mãe, até a

² Entre 1845 a 1865, o indianismo no Brasil surge em virtude da busca pelo específico brasileiro, sobre o qual o “índio” (indígena) tornou-se uma representação aceita e equiparável a personagens nobres europeus, apresentando-se com grande capacidade poética, dado que sua construção também primava pela pureza de caráter e virtudes. Sua presença na literatura nacional deve-se, ainda, à busca de uma identidade nacional por meio do estudo do passado brasileiro.

³ Para Kimberle Crenshaw (2002, p.177), a interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento.

desumanização nos navios tumbeiros e o padecimento que segue quando aqui desembarcaram.

[...] torna visível para os leitores do século XIX a existência de uma mulher negra que tinha vida própria até o dia em que os europeus romperam a linha de continuidade de sua trajetória e trouxeram-na para o território brasileiro, onde deixou de ser pessoa e passou a ser escrava (Miranda, 2019, p. 109).

Contudo, a minúcia apresentada remete à experiência real de uma pessoa que provavelmente vivenciou aquele horror ou ouviu o relato de quem o viveu, não se tratava de mera ficção. Desta forma, podemos supor que Maria Firmina se ancora na oralidade e na memória ancestral como ferramenta metodológica para compor essa narrativa tão cara para aquele momento histórico, colocando “o romance em diálogo crítico não apenas com o seu contexto de produção, mas com a literatura brasileira enquanto sistema e com o nosso próprio momento contemporâneo” (Miranda, 2019, p. 113).

Além do embate de uma mulher (branca) da sociedade, destacado por Firmina em *A Escrava*, que se posiciona contra o regime escravagista, nos lugares que acessa, um possível debate sobre o papel da branquitude⁴, seus privilégios ou até mesmo seu silêncio. Deste modo, destaca a importância do discurso antirracista estar aliado a prática cotidiana e sua força no combate contra esse nefasto regime de opressão.

Firmina endossa o caldo abolicionista na junção de argumentos e exemplificação da impossibilidade de um sistema tão cruel continuar em vigor, em um contexto que escravagistas se agarravam as últimas forças para manutenção do regime de escravidão. Mas a pressão interna do movimento abolicionista e externa da urgência de um novo modelo de exploração capitalista a ser implantado dava o ar de uma verdadeira panela de pressão prestes a explodir.

Na atualidade, o conto *A escrava* teria importante contribuição caso fosse amplamente discutido nas instituições de educação. Desencorajaria pessoas e instituições que ousam negar a escravidão e seus resultados danosos e chegam até mesmo a enaltecer a benevolência da princesa Isabel, assegurando que a escravidão no Brasil teria sido ‘amena’.

Além dessa gama de publicações de textos, poemas, poesias e logografias ao longo de alguns anos, Firmina, uma artista multifacetada, segue na produção contribuindo com o jornal literário *O Domingo*. Após a tão almejada abolição da escravatura em 1888, compõe o *Hino da libertação dos escravos*.

⁴ Para Cida Bento (2022), uma boa maneira de se compreender melhor a branquitude e o processo de branqueamento é entender a projeção do branco sobre o negro, nascida do medo, cercada de silêncio, fiel guardião dos privilégios.

Para Firmina, abolição e liberdade são conceitos distintos, e apresenta seu ponto de vista no conto *A escrava*, sobre essa distinção de forma rara na literatura brasileira, na voz em primeira pessoa da personagem Preta Susana em diálogo com Túlio, que viera contar-lhe com empolgação sobre a alforria que lhe fora concedida. Ao que Preta Susana responde que liberdade ela gozou em sua mocidade: "Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo de minha alma, só vós o pudestes avaliar!" (Reis, 2004, p. 103).

Contudo, a história vai confirmar que com a alforria dos escravizados não se findou o regime de violência, opressão e genocídio. A batalha seguinte se dará para a inclusão dos não brancos na sociedade, políticas públicas de reparação a esse crime contra a humanidade, visto que, o estado brasileiro já tinha um plano perverso de anulação desse período histórico, e não seria por meio de políticas públicas indenizatórias ou afirmativas, e sim pelo aniquilamento desse povo, a partir de projetos de morte física e subjetiva, com políticas eugenistas de embranquecimento, de invisibilização e genocídio.

Neste sentido, fica nítida a implantação desse projeto, por exemplo, quando não temos acesso na educação formal, no *Hino da libertação dos escravos* (1888), escrito por Firmina no mesmo ano da abolição,

Salve Pátria do Progresso!
Salve! Salve Deus a Igualdade!
Salve! Salve o Sol que raiou hoje,
Difundindo a Liberdade!
Quebrou-se enfim a cadeia
Da nefanda Escravidão!
Aqueles que antes oprimias,
Hoje terás como irmão!
(Reis, 1888).

Ao contrário, o *Hino da Proclamação da República* (1890), grafado apenas 2 anos após o fatídico 13 maio, enfatiza o ideal a ser introduzido no imaginário da sociedade brasileira:

Nós nem cremos que escravos outrora
Tenha havido em tão nobre país!
(Medeiros de Albuquerque, 1890).

Corroborando com o projeto em curso de apagamento da presença negra na formação da história do país, mesmo diante de uma vasta e audaciosa produção, nossa grande autora, com uma longa existência, falece aos 95 anos, em 11 de novembro de 1917, pobre e cega, morando na companhia de um de seus filhos adotivos, Leude Guimarães, na cidade de Guimarães.

Seu nome

*Seu nome é minha ideia: - em vão tentará
Roubar-mo alguém do peito - em vão -
repito,
Seu nome é meu condão.
Seu nome,
Maria Firmina dos Reis,
Cantos à beira-mar.*

A publicação do romance *Úrsula* foi noticiada em jornais no início de 1860 e se tornou objeto de resenhas e comentários nos jornais da época, demonstrando que a autora rompeu com as dificuldades objetivas e simbólicas para que uma mulher se introduzisse nos meio literário e da imprensa, tendo seu nome noticiado nas páginas dos jornais, como objeto de divulgação e avaliações do romance.

Mesmo que seu nome esteja gravado no panteão das pioneiras autoras brasileiras, o legado e as obras de Maria Firmina, bem como seus feitos até então inéditos para uma mulher e negra no campo da produção intelectual, permaneceu por décadas invisibilizado por esse segmento.

Mas, uma grata coincidência aliada a uma dose de curiosidade do pesquisador e bibliófilo Horácio de Almeida, que tinha a prática de adquirir lotes fechados de obras de variados Sebos, o pesquisador casualmente se depara com o que seria o único exemplar remanescente do romance *Úrsula*, da edição de 1859 (Lobo, 2006). A publicação de autoria de ‘uma maranhense’ desperta a curiosidade sobre a identidade dessa mulher, oitocentista, de terras maranhenses, autora de um romance abolicionista, até então esquecido nas prateleiras da história.

Após extensa pesquisa para conhecer a real identidade da autora, Horácio de Almeida recorre ao *Dicionário bibliográfico brasileiro* (Blake, 1970) e, assim, nossa autora é redescoberta. Somente após 116 anos da primeira edição de *Úrsula*, em 1975, foi publicada a edição *fac-simile* do romance, pela Gráfica Olímpica, na cidade do Rio de Janeiro, prefaciada pelo próprio Horácio de Almeida, que após tal publicação, doou ao estado do Maranhão a rara e derradeira edição em sua posse do romance *Úrsula*, dada a relevância da obra para história da literatura brasileira (Zin, 2019).

No mesmo período, a obra *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* foi organizada pelo historiador José do Nascimento Morais Filho, após extensa pesquisa em documentos recuperados e entrevistas com pessoas que conheceram e conviveram com Maria Firmina, como os dois filhos de criação Leude Guimarães e Nhazinha Goulart⁵. “É composto por fragmentos esparsos que vão de 9 de janeiro de 1853 a 1

⁵ Há registros fotográficos desse encontro entre o escritor e familiares da autora no memorial Maria Firmina dos Reis. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/obras/album/>>. Acesso em 16 ago. 2022.

de abril de 1903, redigidos, portanto, entre os 30 e 81 anos de idade de Firmina”. (Lobo, 1993, p. 2).

Segundo Fernanda R. Miranda (2019, p. 77), foi “Horácio Almeida, o autor responsável pelo ressurgimento de Maria Firmina dos Reis. Mas a recuperação da obra da escritora deve seu mérito à pesquisa fundamental de Nascimento Moraes Filho, que a teria descoberto por acaso”. Com efeito, Moraes Filho, em 1973, realizava pesquisas relacionadas a textos natalinos de autores maranhenses para a publicação da obra *Esperando a Missa do Galo*, quando se deparou com textos da autora nos jornais do século XIX, na Biblioteca Pública Benedito Leite.

Essa passagem suscita o debate sobre a existência de registros e documentos oficiais sobre a história negra no Brasil. Por muito tempo a academia se utilizava do discurso de ausência de fontes e referências oficiais para o fomento de pesquisas sobre a história não branca brasileira. Quantas Firminas foram apagadas pelo epistemicídio acadêmico? Quantas de nós tivemos nossos projetos de pesquisas desacreditados por essa justificativa de ausência de informações?

Maria Firmina subverte a lógica colonialista, racista e sexista de variadas formas. Além de escrever para os jornais locais, também escreveu em uma espécie de diário ou álbum de recordações, uma forma de registro do cotidiano comum no século XIX. Esse material subsidiou a produção do livro *Maria Firmina: fragmentos de uma vida* (1975), de autoria de Moraes Filho, em um mergulho mais pessoal e íntimo no universo da autora. Em 1976, foi publicada a segunda edição *fac-símile* de *Cantos à beira-mar*⁶, pela editora *Granada*, na cidade do Rio de Janeiro, mais uma vez por José do Nascimento Moraes Filho.

Após a redescoberta da obra de Maria Firmina em meados da década de 1970, as demais publicações seguem espaçadas e, somente em 1988 ocorreu a terceira edição de *Úrsula: romance original brasileiro*, com organização, atualização e notas de autoria de Luiza Lobo, como atividade integrante das ações do centenário da abolição.

Posteriormente, em um espaço de tempo ainda maior, em 2004 foi publicada a quarta edição de *Úrsula*, em conjunto com o conto *A escrava*, pela editora PUC Minas e, em seguida, pela mesma editora e editora Mulheres em 2009, na ocasião de comemoração dos 150 anos do romance, a quinta edição foi publicada. Segundo levantamento de Eduardo de Assis Duarte (2004), entre a quinta e a sexta edição se passaram 8 anos, e entre a sexta e sétima edição se passaram apenas sete meses. A

⁶ A propósito da pluralidade da vasta produção de Maria Firmina, os poemas “Cantos à beira mar” foram musicados e interpretados pela paraibana cantora e compositora Socorro Lira (2019). O álbum destaca a diversidade da produção “Firminiana”, com canções notáveis que vão do estilo musical “reggae à valsa”. Além disso, a poesia Ela (Cantos à beira-mar) virou nome de single e clipe da intérprete Célia Sampaio, em lançamento do álbum “Ela” em show (2021), no centro histórico de São Luís (MA).

partir daí, foram inúmeras as edições. Esse fenômeno literário, sua ‘redescoberta’, deve-se também ao fato de que,

[...] pela primeira vez na história o romance *Úrsula* passou a integrar a lista de leituras obrigatórias para o vestibular de uma Universidade pública federal brasileira, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). De forma inédita, a instituição julgou por bem mudar a concepção da prova de literatura para o exame de 2019 e incluiu, entre as demais referências da produção literária de língua portuguesa, as obras de Maria Firmina dos Reis, Carolina Maria de Jesus (já contemplada na edição anterior) e Florbela Espanca. Para um romance que até então, era desconhecido pela grande maioria do público, até que *Úrsula* está conseguindo se restabelecer, não? (Zin, 2019, p. 9).

Conseqüentemente, foram várias as reedições de *Úrsula*, em capa dura, em edição de luxo. Maria Firmina teve a trajetória inscrita em *Escritoras brasileiras do século XIX* (Muzart, 2000) e figura, dentre os verbetes de mais de quinhentos personagens da história negra brasileira, na *Enciclopédia Negra* (Gomes, Lauriano, Schwarcz, 2021), além de inúmeras atividades sobre a autora e sua contribuição atemporal no campo cultural e literário brasileiro. São debates, transmissões em redes sociais, cursos de formação, encontros literários, grupo de estudos, *podcasts*, rodas e clubes de leituras, letra de música do gênero hip-hop, peça teatral, história em quadrinho (HQ), arte em grafites pelas ruas, assim como passeio virtual nos espaços que Firmina percorreu⁷ na cidade de São Luís e Guimarães (MA), construção do site *Memorial Maria Firmina dos Reis*, a *Revista Firminas: Pensamento, Estética e Escrita*⁸, instituído no Dia da Mulher Maranhense (Lei nº 3.754 de 27 de maio de 1976) na data de aniversário de Maria Firmina dos Reis. Além do considerável aumento de produções acadêmicas, entre teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica e artigos sobre Maria Firmina dos Reis a partir de 2011.

Com o centenário da morte de Maria Firmina em 2017, houve um novo incremento de publicações e eventos sobre a autora e suas obras, dentre estas

⁷ Ver Instituto da Cor ao Caso. Disponível em: <<https://maranhahoje.com/turismo/instituto-da-cor-ao-caso-apresenta-o-caminho-ancestral-no-centro-historico>>. Acesso em 11 Ago. 2022.

⁸ A *Revista Firminas: Pensamento, Estética e Escrita* está pautada no aporte de Maria Firmina dos Reis. É uma revista focada na produção de artistas e intelectuais negras das diversas regiões do país e eventualmente de contextos internacionais e tem por escopo viabilizar produções deste corpo autoral presente e histórico. A iniciativa busca potencializar o ciberespaço como plataforma de enunciação, difusão e recepção que permita romper o silenciamento sistêmico que ainda atravessa a produção intelectual de mulheres negras, realidade que já acometia Maria Firmina dos Reis no século XIX. Disponível em: <<https://mariafirmina.org.br/categoria/revista-firminas/sobre-a-revista/>>. Acesso em 11 Ago. 2022.

atividades o encontro com pesquisadores(as) possibilitou a organização da *Rede de Pesquisadores sobre Maria Firmina dos Reis*⁹ (Zin, 2019).

A *Edições Câmara*, órgão responsável pela produção editorial oficial da Câmara dos Deputados de Brasília, tendo como missão “publicar livros que contribuam para a promoção da cidadania e o fortalecimento da democracia” publicou em 2019 a obra completa de Maria Firmina dos Reis em *e-book* disponível gratuito para ser baixado, com 309 páginas, e a edição física a preço de custo¹⁰. Na apresentação do lançamento a editora destaca que a publicação da obra,

busca reafirmar a importância da obra de Firmina, mulher, negra, educada, maranhense e uma voz da resistência feminina. A força de sua literatura é um convite à reflexão sobre temas como a escravidão, o sexismo e o lugar da mulher na sociedade paternalista e escravocrata da qual foi contemporânea (*Edições Câmara*, 2019, s.p.).

Um verdadeiro movimento em torno do legado de Maria Firmina Reis vem se consolidando nas mais diversas instituições e rompendo, inclusive, os muros da academia. O livro *Extraordinárias: Mulheres que revolucionaram o Brasil* (Porto; Cararo, 2017), reúne 44 biografias e gravuras de mulheres notáveis de variadas origens étnico-raciais e regiões do país, que viveram desde o século XVI até a atualidade. Maria Firmina está entre essas mulheres que subverteram a ordem vigente para uma sociedade mais justa.

Na Festa Literária das Periferias (FLUP), edição de 2018, que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ), Maria Firmina dos Reis foi a autora ‘femenageada’. A programação contou com mais de 52 autoras negras, numa iniciativa de possibilitar maior visibilidade à produção literária da mulher negra. No carnaval de 2020, Maria Firmina foi referenciada pela Escola de Samba paulistana G.R.E.S. *Tom Maior*, com o enredo *Coisa de Preto*, tendo em uma das alas a fantasia que apresenta a ideia da personagem Maria Firmina dos Reis lançando mão de páginas de livros, simbolizando sua obra literária. A fantasia contava ainda com adereços de renda, corações, como menção ao romantismo, gênero literário do qual Firmina é pioneira. O enredo apresenta a contribuição negra intelectual para a formação da sociedade brasileira para além dos estereótipos.

⁹ “Em 2017, também no bojo das comemorações alusivas ao centenário de morte da Firmina, o Centro de Pesquisa e Formação do SESC-SP, promoveu um ciclo de debates intitulado Desvendando Maria Firmina dos Reis, que foi realizado nos dias 9 e 10 de novembro daquele ano, na cidade de São Paulo” (Zin, 2019, p. 7).

¹⁰ Disponível em: <<https://livraria.camara.leg.br/ursula-e-outras-obras-2ed>>. Acesso em: 10 Jul. 2022.

Em 11 de outubro de 2019, o *Google* faz ‘femenagem’ à escritora em um de seus famosos *doodles*¹¹, em referência a data de seu aniversário. Porém, a relação do *Google* com a história de Maria Firmina dos Reis é bem problemática. Quando buscamos informações sobre a autora, a imagem de Firmina é representada como de uma mulher embranquecida logo na primeira página de busca, uma violência racista e simbólica à memória de uma autora negra, já que o contrário não ocorre. Não existe escurecimento de autoras brancas, mas o embranquecimento se apresenta como uma constante para autoras negras e autores negros, sendo Maria Firmina dos Reis e Machado de Assis exemplos dessa prática. Até o momento não se tem notícia do registro da imagem real da autora, o que se sabe são as descrições realizadas por seus filhos adotivos para a publicação de caráter biográfico de Moraes Filho (1975).

Na Praça do Pantheon, em São Luís, onde são homenageados os grandes autores do estado, ela é a única mulher com um busto. Entretanto, essa representação também se configura numa imagem embranquecida, que não faz jus à descrição imagética¹² de uma mulher afrodescendente de sua época.

O campo literário, acadêmico e os algoritmos de busca parecem não querer acreditar que uma mulher negra, filha de uma ex-escravizada, mesmo diante de todo o contexto sexista e racista da época e ainda vigente, foi a primeira romancista brasileira.

Conclusão

*Com humilde gratidão
Quero aqui enaltecer
A Firmina escritora
Em quem eu consigo ver
Uma negra corajosa
Para me Fortalecer.
Jarid Arraes (2017).*

Quantas autoras negras e indígenas foram-lhes apresentadas na escola? Certamente essa será uma conta rápida a ser feita. Mas caso ainda restem dúvidas, por que ler Maria Firmina dos Reis? Ora, por ser considerada a primeira romancista brasileira, além de musicista, poetisa, escritora, oradora, primeira professora concursada do estado do Maranhão, autora do primeiro romance abolicionista em língua portuguesa, uma mulher negra brasileira, filha de ex-escravizada, fundadora da primeira escola mista de meninas e meninos de Maçaricó (MA), ativista antiescravagista, em suma uma conceituada maranhense.

¹¹ Google Doodle são imagens comemorativas na página inicial do buscador. Sobre Maria Firmino dos Reis, a *femenagem* está disponível em: <<https://www.google.com/doodles/maria-firminados-reis-194th-birthday>>. Acesso em 12 Ago. 2022.

¹² Sobre a representação imagética de Maria Firmina dos Reis, consultar Zin (2022).

Em seu prólogo, descreveu o romance *Úrsula* como “humilde livro”, e se descreveu como uma autora “acanhada, de instrução misérrima, pouco lida” (Reis, 2018b, p.25) mas, ao contrário de sua humilde autodescrição, Firmina é o que hoje a juventude denomina de ‘A Mina’, pioneira, revolucionária, sagaz, subversiva, inspiração para outras meninas e mulheres negras.

Negras mulheres que ouviram seu chamamento e atenderam a seu pedido quando nos desejou que *Úrsula* “sirva esse bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez que nós.” (Reis, 2004, p. 26). Seu legado nos incentiva, orienta e abre caminhos para nossas pesquisas, para questionarmos onde estão nossas escritoras negras.

Sua potente escrita e seu legado o tempo não foi capaz de apagar. Assim, conhecer Maria Firmina dos Reis e sua obra é uma tarefa urgente e necessária enquanto sua denúncia permanecer atual, até que o estado brasileiro reconheça suas atrocidades contra o povo negro e indígena, até que esta terra seja livre dessas opressões; e que a equidade e justiça social não sejam mais uma utopia.

Respondendo à sua pergunta do prólogo de *Úrsula*, “então porque o publicas?”, nós hoje acrescentamos à sua resposta: para abrir caminhos para as próximas que virão.

Referências

- ADLER, Dilercy Aragão. *Maria Firmina dos Reis: uma missão de amor*. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2017.
- ARRAES, Jarid. Maria Firmina. In: *Heroínas negras brasileiras: em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen Livros, 2017.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BLAKE, Augusto Victorino Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Edição Fac-símile, Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1970, v. 6.
- CARARO, Aryane; SOUZA, Duda Porto de. *Extraordinárias: Mulheres que revolucionaram o Brasil*. São Paulo: Seguinte, 2017.
- CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 1, p. 171-188, 2002.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Posfácio. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.

- GOMES, Flávio dos Santos; LAURIANO, Jaime; SCHWARCZ, Lilia. *Enciclopédia negra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LOBO, Luiza. Maria Firmina dos Reis (1825-1917). In: *Guia de escritoras da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2006.
- _____. Autorretrato de uma pioneira abolicionista. In: *Crítica sem juízo*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2ª ed. (revisada, aumentada e atualizada). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978 [1969].
- MIRANDA, Fernanda. *Silêncios prescritos: estudos de romance de autoras negras brasileiras (1859-2006)*. Rio de Janeiro: Editora Malê, 2019.
- MOLINA, Livia Menezes da Costa. Maria Firmina dos Reis, 150 anos de pura ousadia. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MariaFirminaArtigoLivia.pdf>. Acesso em: 02 Mar. 2019.
- MORAIS FILHO, José Nascimento. *Maria Firmino dos Reis, fragmentos de uma vida*. São Luís: Governo do Estado do Maranhão, 1975.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. Maria Firmina dos Reis. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.) *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- PINTO-BAILEY, Cristina Ferreira. Na contramão: a narrativa abolicionista de Maria Firmina dos Reis. *Literafro: o portal da literatura afro-brasileira*. 2018. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro/arquivos/autoras/MariaFirminaArtigoCristina.pdf>. Acesso em: 02 Mar. 2019.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018a.
- _____. *Úrsula (romance); A escrava (conto)*. Belo Horizonte: PUC Minas, 2018b.
- _____. *Úrsula e outras obras*. Brasília: Câmara dos Deputados; Edições Câmara, 2018c.
- _____. *Úrsula*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2004.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Uma voz das margens: do silêncio ao reconhecimento. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Porto Alegre: Zouk, 2018.
- SILVA, Régia Agostinho da. *A escravidão no Maranhão: Maria Firmina dos Reis e as representações sobre a escravidão e mulheres no Maranhão na segunda metade*

do século XIX. Tese (Doutorado em História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In; PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

ZIN, Rafael Balseiro. Maria Firmina dos Reis através das imagens. In: *Ciclo de Palestras: 200 anos de Maria Firmina dos Reis*. 16 Mai. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=bN264-9PYmo&t=2503s>. Acesso em: 10 Ago. 2022.

_____. *Maria Firmina dos Reis: a trajetória intelectual de uma escritora afrodescendente no Brasil oitocentista*. São Paulo: Aetia Editorial, 2019.